

LIVROS

PUBLICIDADE

Pra quem é doente do pé: “Escuro”

Texto inédito de João Anzanello Carrascoza

POR O GLOBO

15/02/2015 13:28 / ATUALIZADO 15/02/2015 14:58



- Arte

Ele está aqui, no escuro, ao meu lado, em silêncio, os olhos presos à tela, mas, ainda que a trama do filme seja engenhosa e exija atenção, eu sei que ele não se distrai totalmente de mim, a minha presença, discreta, lhe assegura que estamos envoltos na película do mesmo instante, como o corpo dentro da roupa.

PUBLICIDADE

VEJA TAMBÉM

[‘A mocinha da foto’, texto inédito de Adriana Lisboa](#)

[‘No início do Rio’, poema inédito de Armando Freitas](#)

E, igual a tudo, esse nosso hábito começou de quase nada, ele era criança, eu o pai que viajava a semana inteira — naquela época, eu pensava que, quanto maior a distância, mais próximo eu estaria dele —, e se o sábado era o nosso

dia de encontros vívidos, quando
jogávamos bola e andávamos de
bicicleta a tarde inteira, o
domingo era para partilharmos

umas horas suaves, e para que ela, a mãe,
pudesse descansar de nós. Assim, depois do
almoço, eu e ele saíamos para ir ao cinema. Não
importava o filme, eu queria apenas estar junto
do meu menino e de mim (de quem também me
apartara), e ele, saído do mesmo molde, se
mostrava feliz com a minha companhia e o saco
de pipoca que carregava como um tesouro.

Entrávamos sem pressa na sala em penumbra —
e, embora tenham sido muitas pelos cinemas da
cidade, nunca deixaram de ser a mesma e única
sala —, ele subindo as escadas de dois em dois
degraus, não porque quisesse fazer graça, mas
tão somente porque era uma criança, e só mais
tarde descobriria que nunca se deve saltar
etapas, mesmo numa brincadeira. Eu lhe dava a
mão para evitar que tropeçasse, e ele ria,
demorando para esticar uma perna e recolher a
outra, obrigando-me a rebocá-lo com cuidado.

Então, sentávamos — e cada um ocupava o seu
lugar no outro. Desfrutávamos a espera, como
se ela fizesse (e fazia) parte do filme, ao
contrário de outras pessoas que continuavam
conversando e nem ligavam para a história que,
ali dentro, antes de iniciar a projeção, para nós
já começara. Às vezes, eu fechava os olhos, não
por cansaço, nem para lembrar que minha vida
descia velozmente rumo à sua foz, mas para
sentir a felicidade de reabri-los e ver meu filho,
imóvel e menino, ao meu lado, como se para
sempre.

Depois, começava o filme, e era a hora menor —
coisa que só eu sabia nos primeiros anos —, a
hora de sentirmos medo, apreensão, espanto,
fosse o que fosse, porque a hora maior era
estarmos juntos, no escuro, cotovelos se
tocando, a respiração em ritmo simultâneo, o
tempo, imperceptível, levando-nos, pela mão,
para o fim.

Ele está aqui, no escuro, à minha direita.
Deixamos o sol e as palavras lá fora. E agora —
um dia eu haveria de me dar conta! —, eu vejo o
quanto ele cresceu; na verdade, eu já sabia, mas
me negava aceitar; seus pés tocam firmes o chão
da sala, e antes, antes suas pernas, tão curtas,

